

# As raízes da Teoria do Conhecimento



## Objetivos de aprendizagem

- Identificar a origem da reflexão sobre o conhecimento.
- Identificar a concepção de conhecimento segundo Sócrates, Platão e Aristóteles.
- Conhecer questões originadas na antigüidade, relativas ao conhecimento, que permaneceram nos períodos históricos subseqüentes.



## Seções de estudo

**Seção 1** A descoberta da racionalidade.

**Seção 2** O conhecimento na filosofia de Sócrates, Platão e Aristóteles.



## Para início de conversa

A partir desta unidade, você começará estudar a questão do conhecimento em uma perspectiva histórica. Verá a questão do conhecimento no pensamento grego antigo de alguns filósofos pré-socráticos (primeiros filósofos ocidentais) e de Sócrates, Platão e Aristóteles (filósofos gregos mais estudados).

Estudará, também, questões fundamentais sobre o conhecimento originadas na Grécia Antiga e Clássica e que permaneceram sendo discutidas por pensadores medievais.

Para estes, por exemplo, está a clássica questão sobre o que é capaz de validar o conhecimento: a fé ou a razão. Esta questão, que nasceu na antigüidade e atravessou a Idade Média e o Renascimento, colocou em lados opostos aqueles que defendiam o conhecimento que provinha da investigação racional da natureza, fundamentada pelo próprio homem, e outros que defendiam a aceitação do conhecimento revelado por Deus, baseado na fé.

## Seção 1 – A descoberta da racionalidade

Até aproximadamente o século VII a.C., o conhecimento cultivado na Grécia Antiga estava ligado a certos aspectos da vida em sociedade. Este conhecimento constituía-se, basicamente, de técnicas aplicadas à agricultura, do desempenho dos ofícios tradicionais e da preparação para a guerra.

Havia, também, o **conhecimento mitológico**, que, além de motivar os cultos religiosos, explicava boa parte da realidade ligando os deuses diretamente aos fenômenos da natureza e aos acontecimentos da vida humana. Aos poucos, porém, os gregos foram aprimorando suas técnicas de produção de alimentos e produtos, o que os levou a produzir muito mais do que precisavam para seu consumo.

É comum historiadores afirmarem que a excelência no modo de produção da vida material levou os gregos às transações de troca da produção excedente e ao desenvolvimento do comércio, condição histórica fundamental para o surgimento e apogeu das cidades gregas, de sua cultura, filosofia e ciência.

Com o desenvolvimento da sociedade grega, as respostas **finalistas** e **deterministas** advindas dos mitos tornaram-se insuficientes para a explicação da realidade e foi, então, necessário ultrapassá-las, encontrando-se explicações baseadas na observação e no raciocínio.

Os primeiros filósofos que passaram a buscar respostas na observação empírica dos fenômenos naturais e nas especulações racionais foram os chamados **pré-socráticos**.

Eles não concebiam o universo como uma realidade aleatória e caótica que dependia da vontade ou do humor de seres divinos. Isto não significa que tenham se tornado necessariamente ateus, mas que investigaram a natureza apesar das divindades. Observaram que o universo possui uma **ordem** e que, conhecendo esta ordem, os segredos do universo poderiam ser desvendados pelas condições e atributos naturais do próprio homem, sobretudo pela **racionalidade**.

O principal objeto de estudo desses filósofos foi o **cosmos**, ou seja, o universo ordenado. Empenharam-se, especialmente, em encontrar a origem e a composição do universo, buscando um elemento originário, um princípio fundador. Alguns afirmavam que este princípio fundador era a água (como já vimos com Tales), outros que era o fogo, outros, o átomo etc. Por isso, o conhecimento dos pré-socráticos também é denominado de **cosmológico** ou de **filosofia da natureza**.

Concepção da realidade, de mundo, segundo a qual "tudo" já está predeterminado, razão pela qual era difundida uma postura conformista e passiva diante do destino ou da providência divina.



### Atenção!

Observe que os pré-socráticos protagonizaram uma importante passagem do conhecimento mítico para o conhecimento racional, evento que se repetiu em outros momentos históricos do pensamento ocidental. Eles eram filósofos, físicos, matemáticos etc., mas não se pode chamá-los precisamente de cientistas, já que não praticavam a experimentação

rigorosa, não quantificavam suas observações e não testavam rigorosamente suas teorias. Sua investigação se dava, em grande parte, pela especulação, análise e inferência teórica.

Alguns estudiosos modernos chamam a atenção para a falta de rigor da experimentação e observação empírica realizada pelos pré-socráticos. Mesmo assim, seu conhecimento “pré-científico” desviou o olhar das coisas particulares e da vida prática para o “céu”, para as teorias cosmológicas. Conforme Popper (1982), se a sua experimentação e observação carecem de objetividade, por outro lado sua “racionalidade franca e sincera” os levou à antecipação de teorias que só foram desenvolvidas mais tarde, por cientistas modernos.

---

Das questões tratadas pelos pré-socráticos, abordaremos nesta oportunidade apenas duas delas, que consideramos importantes para o estudo que você está sendo desenvolvido aqui sobre o conhecimento.

A primeira delas trata da **mobilidade e imobilidade do universo**, que envolveu, principalmente, os filósofos Parmênides de Eléia e Heráclito de Éfeso. A segunda questão é a da **tradição crítica**, que caracteriza as escolas pré-socráticas.

## Mobilidade e imobilidade do universo

Parmênides (530-460 a. C.) tratou da questão do movimento, (i) mobilidade das coisas do universo, a partir da distinção entre o **ser** (o que existe) e o **não-ser** (o que não existe). É célebre sua frase neste sentido: “O ser é e o não-ser não é”. (BORNHEIM, 1977, p. 63)

Parmênides queria chamar a atenção para o ser, para o que existe. Para ele, aquilo que existe não está sujeito à mudança, é sempre do mesmo jeito, sendo igual, por consequência, a ele mesmo. Logo,

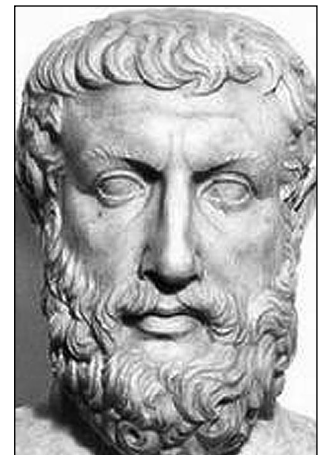


Figura 4.1 - Parmênides de Eléia  
(www.philosophyprofessor.com)

o movimento, a mudança, não existe. Assim, conforme esta concepção radical de mundo, nós só poderíamos conhecer o que existe. Por outro lado, o não-ser (a negação do ser), aquilo que não existe, não pode ser, obviamente, conhecido.

Por mais simples que possa parecer esta distinção ente ser e não-ser, veja que aqui é estabelecido um limite para o que pode ou não ser conhecido. Só podemos conhecer o que existe e não podemos conhecer o que não existe.

Parmênides expõe que o ser, aquilo que existe, pode ser identificado pelos nossos pensamentos, com a nossa razão. Ele, radicalmente, chega a identificar o pensamento referente ao que existe com a própria coisa que existe.

Esse pensador, à medida que privilegia a racionalidade e o pensamento para apreensão do que existe, desqualifica as experiências, as percepções, os sentidos que produzimos ao entrarmos em contato com este mundo sensível, considerando-os como ilusões. Para ele, essa via sensorial, mundana, trata daquilo que não é digno de confiança, pois não nos proporcionaria um conhecimento seguro.

Com isso, Parmênides inaugura um dos mais clássicos problemas da Teoria do Conhecimento: a dualidade entre o percebido e o pensado, a experiência e a razão.

Considere a seguinte situação problema, que você pode já ter presenciado, referente à questão da (i) mobilidade das coisas do universo e que, posteriormente, permitirá a você aprofundar o entendimento sobre a tese de imobilidade de Parmênides.



Atente para o seguinte diálogo, que poderia fazer parte da aula de uma turma de Ensino Médio, em que o professor de matemática apresenta aos alunos a matéria de geometria espacial.

**Professor** – *Meus caros alunos, a primeira coisa ao iniciar o estudo da geometria espacial é aceitar a existência do ponto, da reta e do plano como **entes geométricos**, isto é, entes abstratos de natureza matemática. Nós estudaremos sua definição, identificaremos suas características e isto basta. Estes são conceitos primitivos, elementares, a partir dos quais faremos cálculos, projeções etc.*

**Aluno** – *Mas você pode nos explicar o que são os entes geométricos?*

**Professor** – *Até certo ponto sim. Eles não existem de forma concreta na natureza, não se pode encontrar uma reta por aí. No entanto, podemos aplicar o conceito de reta a certos aspectos da realidade. Por exemplo, ao observarmos a parede de um prédio, identificamos uma linha vertical que pode ser tratada como uma reta. Do mesmo modo, os engenheiros podem construir pontes aplicando o conceito de reta em cálculos da construção civil. A reta é um ente unidimensional, ou seja, tem apenas comprimento, altura ou largura e é traçada entre dois pontos. E entre os dois pontos de uma reta existe um conjunto infinito de outros pontos.*

Neste momento o aluno pára, reflexivo.

**Aluno** – *Professor, mas se é verdade que entre os dois pontos extremos de uma reta existem infinitos pontos, isso significa que se eu sair do ponto origem (enquanto extremidade desta reta) antes de alcançar o fim da reta (a outra extremidade), então terei que atravessar infinitos pontos? Ora, então eu jamais chegarei ao outro lado da ponte!?*

---

Este “caso simples” pode colocar um professor incauto em situação desconfortável. Porém, o professor pode adotar a idéia do aluno e explicar que, considerando a reta contínua, é possível avançar sobre ela passo a passo, ou dar meio passo, ou um quarto de passo, ou um passo duplo. O passo sempre pode ser menor, o que leva à idéia de infinito.

O professor pode, também, expor que nem sempre é possível transpor diretamente modelos ideais para a realidade concreta, embora os entes matemáticos, como é o caso da reta no caso anterior, possam ser aplicados com sucesso em cálculos, em estudos de estruturas sólidas, no desenvolvimento de tecnologias aplicadas etc.

A questão apresentada aqui é tratada pela matemática atual, mas surgiu muito antes, com os pré-socráticos.

Zenão de Eléia (495-430 a. C.), filósofo pré-socrático e discípulo de Parmênides, desenvolveu argumentos que tratam do infinito, com a finalidade de defender as idéias de seu mestre e, assim, provar a imobilidade de todas as coisas.

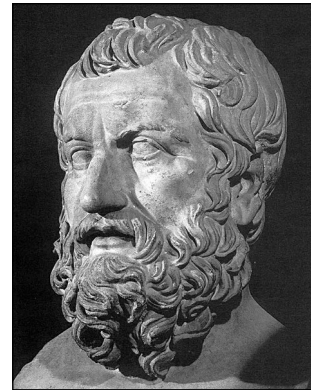


Figura 4.2 - Zenão de Eléia  
(www.eurosophia.com)

Um dos argumentos de Zenão expressa o seguinte. Imagine que dois corredores iniciaram uma corrida. Embora a corrida já tenha iniciado, diz Zenão que o corredor “mais lento” encontra-se na frente do “mais rápido”, de modo que o “mais lento” jamais será alcançado. A explicação de Zenão, para este fato, considera que para o “mais rápido” alcançar o “mais lento” então ele teria que pelo menos percorrer a metade da distância que há entre os dois. Mas, para percorrer esta distância, o corredor “mais rápido” ainda teria que percorrer a metade da metade de tal distância. E assim sucessivamente, pois para percorrer a metade da metade da distância, ainda é obviamente preciso percorrer a metade da metade da metade da distância, até se chegar a idéia de infinito.

Deste modo, o corredor jamais sairia do lugar. O movimento é então uma **ilusão**. Veja que, para Zenão, esta explicação corrobora a tese de Parmênides, a de que não há movimento. Veja que Zenão leva a questão da divisibilidade ao extremo, exatamente ao infinito, para então sustentar a imobilidade de todas as coisas.

Diferentemente de Parmênides e de seus discípulos, Heráclito de Éfeso (540-470 a. C.) afirmava que a realidade está em **constante mudança**. Tal mudança ocorre, sempre, a partir da união de contrários, do ser e do não-ser como faces de uma mesma moeda. Observe que, para conhecermos precisamos reconhecer esta “condição”.

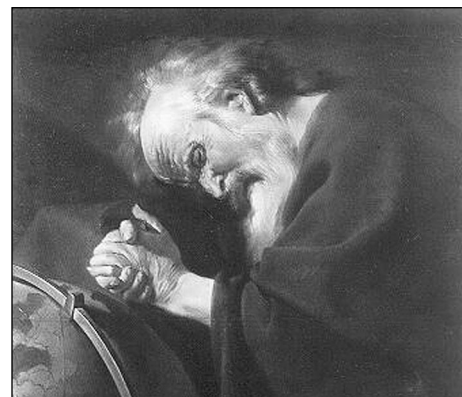


Figura 4.3 - Heráclito de Éfeso / pintura de Johannes Moreelse (1602-1634)  
(www.encyclopedia.tiosam.com)

Confira alguns dos fragmentos mais conhecidos de Heráclito (BORNHEIM, 1977, p. 36-43):

- Tudo se faz por contraste; da luta dos contrários nasce a mais bela harmonia. (8)
- Descemos e não descemos nos mesmos rios, somos e não somos.(49)
- A harmonia invisível é mais forte que a visível. (54)
- Em nós, manifesta-se sempre uma e a mesma coisa: vida e morte, vigília e sono, juventude e velhice. Pois a mudança de um dá o outro e reciprocamente. (88)

Heráclito também reconhecia a importância da razão, mas defendia que o que existe, o ser, está continuamente mudando para o não-ser e vice-versa.



Se alguém tomar banho duas vezes no rio, então, na segunda vez, este não será mais o mesmo e nem o rio. Ora, a água do rio passou e não volta mais, assim como aquele que tomou banho será uma pessoa diferente daquela que tomou banho pela primeira vez.

A percepção da mudança contínua da realidade pode ser sutil, mas diz Heráclito que devemos reconhecê-la como inexorável, válida para todas as coisas que existem.

---

Neste sentido, Heráclito é considerado o cunhador do termo **dialética** enquanto concepção da realidade formada pela união de contrários e em constante transformação e movimento.

### **Tradição crítica**

A segunda questão que abordaremos é a da **tradição crítica** (perspectiva metodológica sobre o conhecimento) e que caracteriza as escolas pré-socráticas.



Provavelmente por terem vivido o surgimento da *polis* e da **democracia**, uma importante característica do conhecimento dos pré-socráticos era a possibilidade de suas teorias serem criticadas, alteradas ou substituídas por outras mais adequadas. Existia entre eles um processo de discussão e desenvolvimento do conhecimento, diferente do que ocorria com os mitos. Ora, os mitos não podiam ser criticados ou superados por outros melhores, e os conhecimentos de ordem prática só eram modificados se fossem considerados inúteis.

Este termo designa a cidade grega antiga

Popper (1982, p. 164) afirma que, baseados em especulações abstratas e críticas, “e não se tenha aqui a idéia de um trabalho maçante de racionalização, mas o frescor e a criatividade das mentes curiosas e juvenis”, os pré-socráticos foram mais longe do que baseados em suas observações empíricas.

Segundo o mesmo autor, o conhecimento pré-socrático representou o início de uma tradição de produção de conhecimento baseado em **conjecturas** e **refutações**, de uma antecipação corajosa do que era impossível conhecer na base da observação concreta e, sobretudo, um conhecimento baseado no **exame crítico** das próprias teorias.

A postura crítica, aliás, era adotada pela maioria das escolas pré-socráticas e fomentada pelos seus mestres professores. Observe a seguinte citação de Karl Popper acerca da teoria de Anaximandro sobre a suspensão da Terra.



De acordo com Anaximandro, “a Terra [...] não está sustentada por nada, permanecendo estacionária porque está situada a uma distância igual de todas as demais coisas. Sua forma é [...] como a de um tambor [...]”. O tambor, obviamente, é uma analogia derivada da observação. Mas, a idéia da livre suspensão da Terra no espaço e a explicação de sua estabilidade não têm analogia em todo o campo dos fatos observáveis. Abriu caminho para as teorias de Aristarco e Copérnico. [...] e a concepção de Newton de forças gravitacionais imateriais e invisíveis. Como chegou Anaximandro a essa notável teoria? Certamente não mediante observações, mas pela razão. Ela é uma tentativa de solucionar um problema para o qual Tales, seu mestre, fundador da escola Milesiana ou Jônica já havia proposto uma solução. (1982, p. 163).

A **aventura especulativa** dos pré-socráticos e seu **pensamento hipotético** no intento de conhecer a realidade, somados ao **exame crítico** das teorias de seus pares, são características fundamentais do pensamento destes filósofos e, comumente, são relacionados ao processo do conhecimento científico.

Retome na primeira unidade a reflexão sobre as competências tipicamente filosóficas. Pois bem, desenvolver o **senso crítico** e promover a **ação criativa** são objetivos da maioria das propostas educativas e são atributos necessários para qualquer pessoa.



Se você quiser aprofundar seu estudo sobre os pré-socráticos e conhecer alguns fragmentos de seus textos, leia o livro:

- BORNHEIM, Gerd (org.). **Os filósofos pré-socráticos**. São Paulo: Cultrix, 1977.

Você também pode assistir ao filme “O Esqueleto da Noite”, episódio nº 07 da Coleção Cosmos/ National Geographic. É um documentário apresentado pelo cientista Carl Sagan, sobre as raízes gregas do pensamento científico.

---

## Seção 2 – O conhecimento na filosofia de Sócrates, Platão e Aristóteles

Nesta seção, você verá que Sócrates, Platão e Aristóteles defendiam uma respectiva teoria do conhecimento, com características distintas. Em comum, os três têm o fato de que procuravam por um conhecimento seguro sobre a realidade, sobre nosso mundo, e essa busca foi, para os três, orientada pela procura de **conceitos universais**. Os conceitos universais se referem a um conhecimento seguro e amplamente válido, para todas as coisas, de tal modo que fundamentaria melhor, em relação a todos os outros tipos de conhecimento, o fazer, o pensar, o dizer etc.

## Sócrates

A tradição racional que começou com os pré-socráticos foi continuada por Sócrates (470-399 a. C.), que buscava o verdadeiro conhecimento por meio do **exercício da razão**. Sócrates opunha-se aos **sofistas**, que eram considerados os mais respeitados mestres da sociedade grega. O foco dessa rivalidade era a teoria sobre o **conhecimento verdadeiro**.

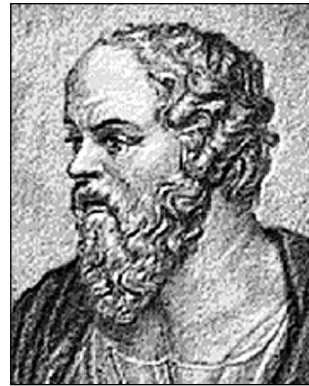


Figura 4.4 – Sócrates  
(pressurecooker.phil.cmu.edu)

Os sofistas tinham uma visão pragmática da política e do conhecimento em geral. Creditavam ao discurso, à forma, à eloquência e ao poder de convencimento o critério de verdade, de modo que desenvolveram uma filosofia que promovia o relativismo.

Assim, tantas verdades decorriam de quantos discursos fossem proferidos, de acordo com a tese preferida e argumentada pelo cidadão.



### Atenção!

Para Sócrates, não se tratava de procurar o discurso eloquente e persuasivo, mas de procurar a verdade (universal), para além da diversidade de perspectivas.

Os sofistas eram grandes oradores e argumentadores. Eram, também, mestres que ensinavam argumentos e posicionamentos úteis para o sucesso na vida prática e política. Costumavam ser contratados para ensinar retórica e persuasão para os jovens que almejavam “prosperar”.

Nesse caso, “o homem não é a medida de todas as coisas”, como pensava o sofista Protágoras. Sócrates criticava os debates programados que eram comuns na vida política das cidades gregas antigas, com temas determinados, tempo de duração definido e afetados por interesses escusos dos debatedores.

Segundo ele, o homem para descobrir a verdade deve adotar um postura **humilde** e **questionadora**, condição eficiente e necessária para conhecer a realidade.

Pensava que a filosofia é uma prática de vida que exige dedicação e coerência total, sem jamais ceder a interesses externos. Por isso, passava os dias pela cidade, conversando com todos, sobre tudo, argumentando livremente e promovendo debates entre as pessoas que se juntavam a ele.



---

Sócrates exercitava a filosofia como debate vivo, como busca incessante pela verdade. Não deixou nada escrito, e o que sabemos de seu pensamento é por meio de historiadores ou de outros filósofos, especialmente Platão, que fez de Sócrates o personagem principal de seus diálogos.

---

Sócrates se considerava ignorante e não se fazia portador de nenhum saber, mas acreditava ter o dever de libertar as pessoas da convicção ilusória de que sabiam alguma coisa. Nesta perspectiva, **todos são ignorantes** e alguns, os que têm consciência da própria ignorância, são os mais preparados para se lançar em **busca do conhecimento verdadeiro**. Nos debates promovidos por Sócrates, seus interlocutores eram desafiados a falar de temas diversos e levados, por perguntas insistentes, a refletir profundamente. Se o **debate** concluísse com um argumento genérico e sem uma precisa definição do objeto do debate, o interlocutor ficava confuso. Assim, o interlocutor se tornava presa da **dúvida**, na visão do filósofo, e então ficava pronto para admitir sua ignorância e empenhar-se na busca pela verdade.

Maiêutica é sinônimo de obstetrícia, parte da medicina que estuda os fenômenos da reprodução na mulher. Maiêuta é o médico que presta assistência à mulher e seu feto no período do grávido-puerperal (obstetra). Porém, a palavra também é utilizada por Sócrates para denominar o momento do “parto” intelectual do aprendiz, na procura da verdade que está dentro de si. Sócrates era filho de parteira e comparava o seu ofício, de parteiro de idéias, ao da mãe, parteira de homens.

Fonte: [pt.wikipedia.org/wiki/Maiêutica](http://pt.wikipedia.org/wiki/Maiêutica)

Segundo Sócrates, um corpo doente e intoxicado, antes de receber o remédio correto, precisa passar por um processo de depuração para somente depois assimilar o remédio. Do mesmo modo, um espírito arrogante, que julga só ter virtudes e que confia demasiadamente em seus conhecimentos, não pode produzir um conhecimento verdadeiro sem antes proceder uma “cura”, colocando seu próprio pensamento sob olhar crítico.



---

Sócrates suscitava a **autocrítica** e fazia seu interlocutor questionar **o próprio conhecimento**, ou seja, levava o aprendiz a reconhecer-se ignorante - **ironia** socrática. Depois, com a arte da **maiêutica** - ajudava seu interlocutor a exprimir o quanto de verdade sua razão fosse capaz de parir, de gerar.

---

É no trabalho interno da própria razão, no auto-conhecimento, que a pessoa deve se concentrar, e se concentrar para sempre, enquanto guia para a nossa vida.

O método socrático não se reduz ao diálogo, como pode parecer. “Todos” podem até falar com segurança sobre virtudes, belezas, justiça, mas fazem isto enumerando casos particulares coletivamente conhecidos, mas nem todos são capazes de dar uma definição única para o termo geral, universal, como justiça ou virtude.

Sócrates, pelo contrário, buscou saber não quais são as coisas belas e justas, mas que é o Belo e a Justiça, o que é comum em todas as coisas que julgamos como belas ou justas. A pergunta socrática é, de fato, sobre a definição de **essência**, a **universalidade** do conceito.

Observe que Sócrates busca o conhecimento verdadeiro nas **essências** ou **idéias universais** que são alcançadas por meio da **razão**, e não por meio da manifestação concreta, da realidade, que é múltipla e depende da impressão de cada um.

Acompanhe a seguinte situação que visa que você reflita sobre como o “conceito universal” de belo requer uma investigação mais aprofundada.



Um rapaz vai à floricultura, acompanhado dos amigos, para escolher flores que levará no primeiro jantar, na casa da namorada. O rapaz pede para ver as flores mais belas que têm na loja. Entre tantas flores, a florista lhe traz um ramalhete de lírios brancos. Então os rapazes discutem a questão e cada um diz o que pensa:

– *Oh, que belos lírios. Eles são brancos como o leite.*

– *Que horror. Não vejo beleza nos lírios. Eles lembram o dia dos finados.*



Mas o que é o Belo?

– *Também acho os lírios feios, e que belas são as rosas.*

– *Não, as rosas não são belas, pois elas têm espinhos. Belos são os cravos.*

– *Eu acho os lírios lindos, mas amanhã a beleza deles já terá desaparecido. Se você quer dizer a sua namorada como ela é bela, então tente outra coisa.*

Você é capaz de sugerir ao rapaz alguma coisa que seja realmente, indubitavelmente e sempre belo, para presentear a namorada?

Sócrates diria que não, pois o Belo é um **conceito universal** que existe em **essência**, ou seja, em **idéia**, e somente lança seu reflexo sobre a realidade concreta. Você não pega o Belo, não vê o Belo, mas utiliza desta definição para qualificar as coisas como belas.

Algumas coisas parecem belas e outras não. Mesmo as que “parecem” belas, não o são para todas as pessoas, e mesmo que fossem belas para todas as pessoas, não o seriam para sempre, porque a realidade concreta muda e algo que é belo hoje, pode não ser amanhã. Mas, para Sócrates, o conceito universal (que apresenta uma essência imutável) de Belo é algo que não muda, jamais.

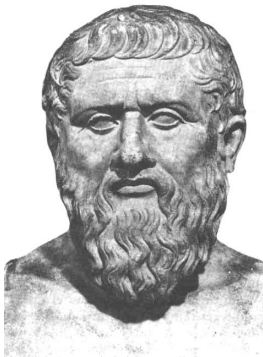


Figura 4.5 – Platão  
(plato.if.usp.br)

## Platão

Ao procurar continuar o pensamento de Sócrates, Platão (428/27-347 a. C.) aprofundou a distinção entre a **essência** das coisas e a **aparência** das coisas.

Segundo Platão, precisamos distinguir as **opiniões** (*doxa*), que são uma forma de conhecimento simples e enganoso obtido através dos órgãos sensoriais, da **ciência** (*episteme*), que é o conhecimento verdadeiro obtido pela via da razão.



Para Platão, chegamos ao conhecimento verdadeiro através do **diálogo** filosófico, que consiste no confronto de argumentos e contra-argumentos. Tal procedimento, método, é chamado pelo filósofo de **dialética** e é considerado pelo mesmo como um aprimoramento do método socrático.

### Atenção!

Não confunda o sentido da dialética de Platão com a de Heráclito. Em Platão, a dialética é considerada um método para a busca de conceitos universais. Para Heráclito, a dialética é considerada uma explicação ampla e geral acerca de como a realidade é regida.

---

Nos diálogos, portanto, não se trata de elaborar uma opinião pessoal, mas sim, por meio de **raciocínios lógicos**, depurar o conhecimento aproximando-se do conhecimento verdadeiro, da essência, do conceito universal investigado.

Neste sentido, não cabe ao mestre convencer pela via direta o seu discípulo a respeito de algo. O mestre inicia um diálogo apresentando um argumento acerca de algum tema e provoca o aprendiz a manifestar-se em relação ao tema. Assim, pela via da argumentação dialética - pelo embate de argumentos - as contradições, incoerências do conhecimento proferido e as observações acidentais acerca da realidade são evidenciadas e superadas por outras provisórias, que se sustentam no decorrer do diálogo.

As idéias passam por uma espécie de prova lógica e são, depois disso, consideradas mais verdadeiras pelos participantes do embate. Observe que o ponto de partida do diálogo platônico é a opinião que o aprendiz emite sobre o tema em questão.

As opiniões são consideradas falsas idéias sobre a realidade, porque não têm origem na razão. Veja que Platão parte da análise do “erro”, ou, talvez, de algum resquício de verdade que há na opinião, parte da aparência de verdade, da “verdade torta”, com a finalidade de superá-la e abandoná-la em seguida.

Com a prática da dialética, Platão reafirma a necessidade da **crítica** como forma de aproximação das idéias verdadeiras e, de certo modo, antecipa uma prática do conhecimento científico moderno que é a prova, pela qual as teorias científicas passam para atestar sua veracidade. Para a ciência, o erro pode ser o ponto de partida para uma nova teoria, não é descartado como experiência negativa que já esgotou suas possibilidades. A teoria científica que não se confirma não deixa, por isso, de ser científica.

Dos escritos de Platão, a Alegoria da Caverna é um dos mais significativos para elucidar como nos apropriamos do conhecimento verdadeiro. A seguinte figura ilustra essa busca.

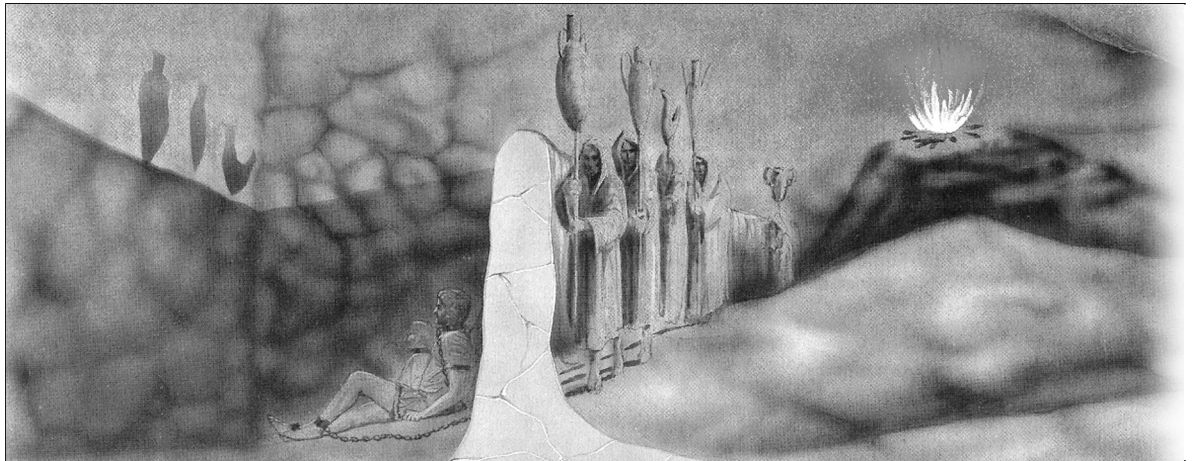


Figura 4.6 – A alegoria da caverna  
(VALVERDE, 1987a, p. 74-75)

Platão parte de uma suposição, de uma caverna fictícia onde vivem prisioneiros amarrados desde que nasceram e de modo que nunca viram nada além das sombras projetadas na parede de fundo da caverna, as quais não são reconhecidas pelos prisioneiros como **sombras**, mas como a própria realidade. Em determinado momento, um dos prisioneiros liberta-se e percorre um árduo caminho que leva ao exterior da caverna, completamente diferente do mundo em que estava acostumado a viver até então.



Para Platão, o interior da Caverna é o “**mundo dos sentidos**”, das coisas particulares, das aparências, das **opiniões**, do **senso comum**, e o exterior da Caverna é o “**mundo das idéias**”, dos **conceitos universais**, das **essências**, do **conhecimento verdadeiro**, da **ciência**. Na metáfora da Caverna, os prisioneiros representam nós mesmos, e **as correntes que nos prendem são nossos sentidos**. Livrar-se das correntes e subir a caverna saindo de sua escuridão equivale a desprender-se das opiniões que nos limitam e, gradativamente, alcançar a claridade do conhecimento abstrato e ideal.

A despeito da facilidade com que algemas foram abertas, a subida para o exterior da Caverna é um **percurso doloroso**. Platão faz questão de lembrar que, ao se movimentar e se dirigir para a **luz**, buscando sair da Caverna, o homem sente dores no corpo, nos olhos e deseja voltar. Para deixar para trás sua condição de prisioneiro, o homem tem que se desacomodar e lançar-se em um caminho desconhecido no qual o seu esforço e a sua ação são





exigidos, ao contrário da vida no interior da Caverna, em que recebia passivamente as sombras. De modo geral, essa é uma **característica essencial para qualquer aprendiz: estar disposto ao esforço que o processo permanente de conhecimento exige.**

O mundo do prisioneiro é apresentado a ele como verdade, ele vive nas sombras e das sombras; vive daquilo que aparece, do que lhe assaltam os sentidos. Metaforicamente, essa é a condição dos indivíduos reais que vivem mergulhados em seu cotidiano, com a curiosidade “satisfeita” ou alienada. Porém, na falta de um estranho que venha do exterior da caverna para libertar os prisioneiros, existe a rara possibilidade de que alguma coisa se altere na regularidade das sombras e os prisioneiros sejam levados ao **questionamento.**

Na representação de Platão, é verdade que as sombras enxergadas pelos prisioneiros existem de fato e que eles as vêem. No entanto, o homem da Caverna não vê as sombras como sombras das coisas, mas como se fossem as próprias coisas. Não desconfia que exista algo além do que se apresenta para ele. Não desconfia da existência da fogueira atrás de si, dos homens que passam atrás de si. Isto equivale a dizer que **o prisioneiro não tem consciência de sua condição de prisioneiro.**

O erro do prisioneiro da Caverna é satisfazer-se com a realidade das sombras e não se dar conta de sua condição de prisioneiro. Se mesmo preso ele desconfiasse daquilo que se apresenta como verdade da realidade, então não se poderia dizer que é um

prisioneiro, mas que **está** prisioneiro. O que faz diferença, neste caso, é ter consciência ou não de sua condição. **Ter consciência da prisão é o primeiro passo para se tornar um homem livre, ou seja, um verdadeiro aprendiz.**

Conhecer, para Platão, é estar mergulhado no processo de descoberta da verdadeira realidade, das idéias. As **idéias** universais e verdadeiras das coisas já estão em nossa alma, em nossa razão, estão conosco desde que nascemos, o que significa que antes de qualquer experiência elas já existem e podem, portanto, ser desveladas. Por outro lado, as coisas que vemos e sentimos no mundo concreto são consideradas apenas ilusões, aparências da verdade.

## Aristóteles

O estabelecimento das idéias como fonte do conhecimento verdadeiro, em Platão, não foi bem recebido por Aristóteles (384-322 a.C.). Ele concorda com o mestre que para alcançar o conhecimento verdadeiro é preciso, pelo trabalho da razão, chegar aos **conceitos universais**, porém, não dispensando a **experiência sensível** e a **observação** acurada das coisas particulares, a partir das quais podemos explicar o movimento ordenado e harmonioso dos entes materiais e formar idéias gerais que, aí sim, nos remetem aos conceitos universais. Nisso Aristóteles discorda de Platão, pois para este os conceitos universais são **inatos** e a **experimentação** somente nos desvia do caminho para o conhecimento verdadeiro.

Observe o desenho que segue, que representa um comparativo breve da teoria de Platão com a de Aristóteles.

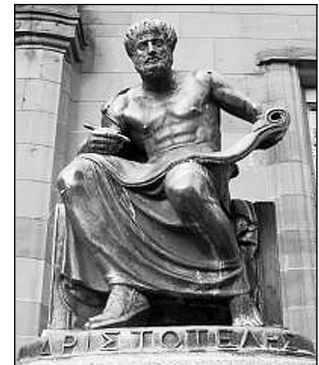
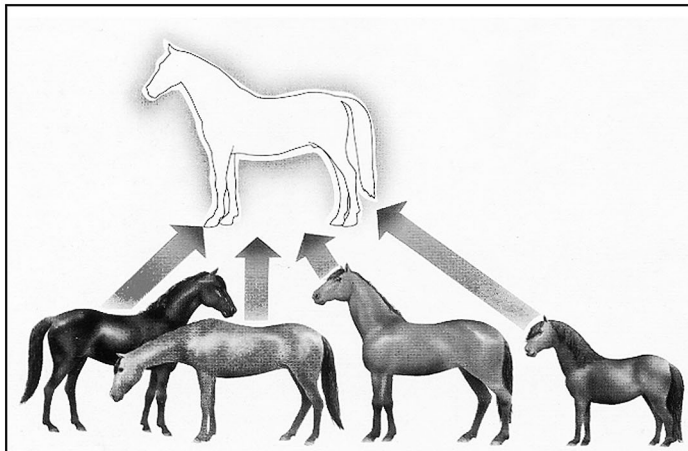


Figura 4.7 – Aristóteles  
(www.ayf.uni-freiburg.de)

## Teoria de Platão



## Crítica de Aristóteles à Teoria de Platão

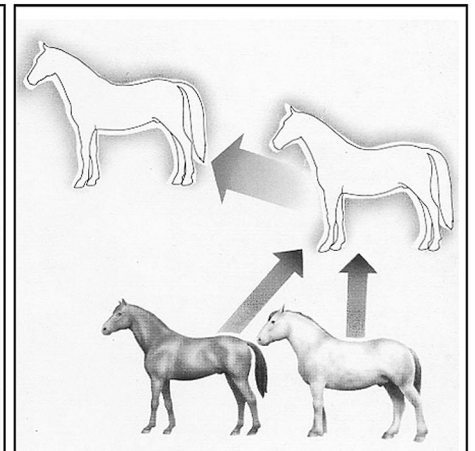


Figura 4.8 - Os Cavalos, conforme a teoria de Platão e de Aristóteles  
(VALVERDE, 1987b, p. 82)

Para Platão, a partir da idéia universal de cavalo, da essência imutável de cavalo, podemos nos referir aos cavalos particulares como cavalos. Para Aristóteles, após a observação e o raciocínio de cavalos particulares, podemos nos referir ao conceito universal de cavalo, que, por sua vez, é formado em função das características gerais e presentes em todos os cavalos particulares.

Para Aristóteles, os conceitos universais nada mais são do que o resultado da atividade da **razão**, que primeiramente, por **experiência e indução, categoriza e classifica a variedade do mundo sensível**. Capturamos com a razão as estruturas universais inerentes ao conjunto das coisas particulares, e não de cada uma delas individualmente, pois de coisas particulares tomadas em sua individualidade só se podem descrever as características sensíveis. Nisso concordam Sócrates, Platão e Aristóteles.

Assim, experimentando diversos tipos de seres do reino vegetal, por exemplo, Aristóteles acreditava ser possível identificar as características que são constantes, comuns e **essenciais** a todas as plantas, além das características **acidentais**, aparentes, que podem mudar sem que aquela planta deixe de ser o que é.

De acordo com Aristóteles, o conceito de “flor” que você tem e utiliza no cotidiano é resultado de diversas flores já conhecidas. Assim, se você isolasse uma margarida do conjunto das flores, não poderia chegar ao conceito universal de Flor, pois este conceito abrange as margaridas e todas as outras flores que existem.



### Atenção!

O conceito universal de Flor, que define o conjunto das diversas flores, não permite que você inclua a cadeira, por exemplo. Observe que quando consultamos o dicionário para buscar o significado de uma palavra, buscamos, de certo modo, o conceito universal que ela encerra.

---

Lembre-se que você já estudou o raciocínio indutivo na unidade 2.

Conforme a teoria de Aristóteles, para formar um conceito universal, realizamos uma **indução**. A indução ocorre a partir da observação de casos particulares, oferecendo-nos dados para propormos uma inferência, uma conclusão, ampla e geral. Porém, as observações particulares a que se referia Aristóteles não são as meramente acidentais, mas sistemáticas, planejadas.

Para Aristóteles, o **conhecimento vulgar** dá origem a um discurso repleto de falácias que parecem raciocínios verdadeiros, mas que não o são.



Veja que sua Lógica é ampla, pois além de investigar quando um raciocínio é válido ou não, também estipula a indução (assim como a dedução) enquanto procedimento científico básico, que auxilia na busca pelos conceitos universais.

Para Aristóteles, a **Lógica** é fundamental no trabalho de organizar e sistematizar a experiência. Ele confia aos **sentidos** a captação das características das coisas no mundo físico e à razão, os procedimentos de indução e dedução, capazes de nos aproximar dos conceitos universais.

---

Retome a unidade da Lógica se tiver dúvida do que seja a indução, a dedução, a falácia, etc.

Ao investigar a realidade e os conceitos universais, Aristóteles propôs modos para falar do que existe. Entre esses modos, está a classificação do ser como **ato** ou **potência**.



O **ser**, a coisa, **em ato** se refere àquilo que existe agora e que se encontra plenamente realizado. O **ser**, a coisa, **em potência** se refere àquilo que tem condições de ser realizado, mas que ainda não está realizado, efetivado, de fato.

Acompanhe um exemplo.



Uma semente de mostarda é pequenina em ato, agora realizada, mas, em potência, esta semente representa uma árvore formosa e enorme. A semente representa o estágio atual deste ser, enquanto a árvore, o estágio possível, futuro, o qual esta semente encontra-se passível de atingir.

Veja outro exemplo, que aborda a mesma distinção do ser em ato e em potência.



Acompanhe o seguinte diálogo entre uma criança, comendo pêssego, e sua mãe.

- Mãe, de onde vem o pêssego?
- Ora, do pessegueiro meu filho.
- E de onde vem o pessegueiro?
- Do pêssego.
- Quer dizer que dentro de um pêssego tem um pessegueiro?
- É meu filho, é isso.
- E como uma árvore tão grande pode caber dentro de uma fruta tão pequena?

Neste momento a mãe, confusa, já não tinha certeza sobre o que responder ao filho.

- Bem, é que dentro do pêssego tem uma semente e dentro da semente uma massinha que pode se transformar em pessegueiro. Satisfeito?

-Que legal será que a massinha da semente do pêsego que eu estou comendo pode se transformar em outra coisa também? Quem sabe uma bicicleta?

- Não, não pode.

- Por que?

Considerando o que estudou sobre ato e potência, o que você responderia à criança se estivesse no lugar da mãe?

---

---

---

---

---

Aristóteles responderia que algumas coisas podem se transformar em outras, mas porque elas já trazem em si a condição dessa possibilidade. Ou seja, na grande maioria dos seres e coisas há a possibilidade de que ocorra uma passagem do que é em potência para o que é em ato, mas tais seres e coisas não podem se transformar em qualquer coisa. Obviamente, esta semente de pessegueiro não poderia jamais transforma-se em uma bicicleta, um pião, etc.

---

Bem, para que algo em **potência**, uma semente por exemplo, se atualize, se realize, é necessária uma causa. Aristóteles afirma que conhecemos uma coisa quando conhecemos, de fato, as suas quatro causas.

Observe com atenção o desenho que segue, que ilustra as quatro causas que fazem parte do que um ser é, do que uma semente, por exemplo é. Este figura, especificamente, se refere a uma estátua.

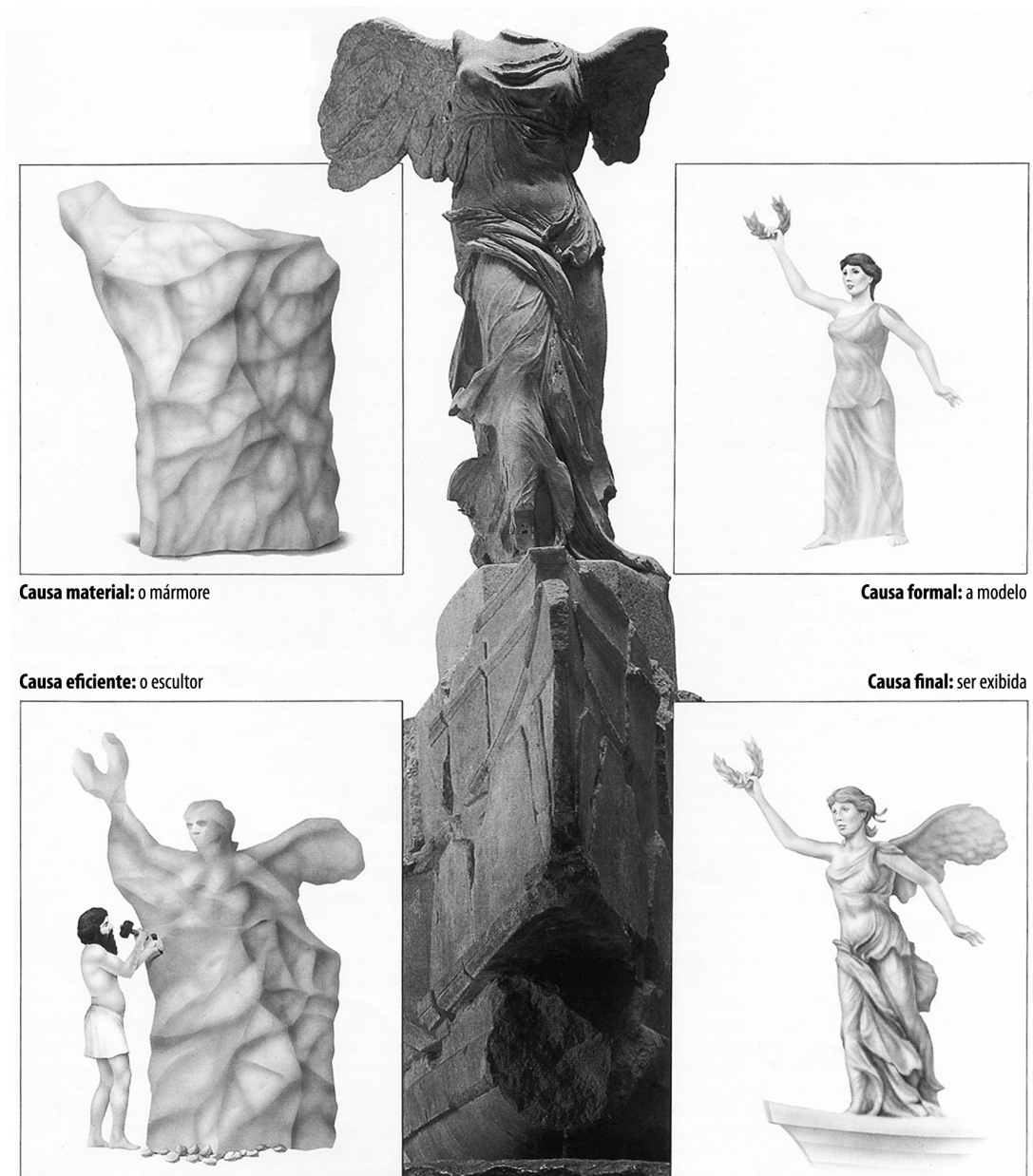


Figura 4.9 – A estátua da vitória da Samotrácia e as 4 causas de Aristóteles (VALVERDE, 1987b, p. 84)

Observe que Aristóteles estabeleceu quatro causas:

- material;
- formal;
- eficiente;
- final.

Se conhecermos estas quatro causas, poderemos, então, identificar, conhecer, um determinado ser - a semente da mostarda, a semente do pêsego, por exemplo, e de que modo ocorre a passagem de um estado atual para outro estado em ato (tal como o caso da árvore).



A **causa material** se refere à matéria da qual a coisa é feita, sobre a qual se aplica a forma, como o mármore da estátua.

A **causa formal** é o que torna o ser exatamente aquilo que ele é, são suas características essenciais, é o que dá a forma à matéria, tal como a modelo da estátua.

A **causa eficiente** é a força externa que provoca a transformação da causa material para atingir um fim, como é o caso do escultor na figura da estátua.

A **causa final** nada mais é do que o objetivo, a finalidade da transformação da potência em ato, que, no caso da estátua, é ela ser exibida.

Veja assim que, para Aristóteles, o conhecimento também está relacionado ao conhecimento das quatro causas, ou causas primeiras.



### Saiba mais sobre as atividades de Aristóteles!

Aristóteles foi o mais brilhante e reconhecido estudioso da Academia de Platão, mas também seu maior crítico, especialmente da teoria das idéias de Platão. Como físico e botânico que era, Aristóteles valorizava muito as ciências físicas e biológica e se opôs à negação platônica do valor cognoscitivo da experiência concreta.



Figura 4.10 - Alexandre e Aristóteles  
(pt.wikipedia.org)

A ciência botânica teve origem no mundo antigo greco-romano, e o filósofo Aristóteles contribuiu muito para isso, por exemplo, criando a anatomia comparada. Aristóteles realizou uma extensa obra sobre o reino animal, que influenciou toda a percepção sobre o tema nos séculos seguintes, fundamentando a classificação da natureza.



Alexandre, o grande, rei da Macedônia, foi aluno de Aristóteles dos treze aos dezesseis anos, aproximadamente, quando abandonou a Filosofia para construir seu império. Conta-se que Alexandre, já homem feito e com o império consolidado, em diversas situações teria ordenado a seus súditos que colhessem diversos exemplares de plantas em uma vasta extensão de terra para os estudos de Aristóteles.

Aristóteles foi o último grande filósofo grego da tradição clássica. Depois de sua morte, do declínio das cidades gregas e de sua cultura, houve um período de incertezas que perdurou até o surgimento do cristianismo. Com este sistema, perdurou um período de profunda transformação na mentalidade do homem ocidental.

Durante a Idade Média, sob a influência do pensamento cristão, a cultura grega foi considerada pagã. Primeiramente, porque os gregos eram politeístas (acreditavam em vários Deuses), enquanto que para o cristianismo há um só Deus (monoteísmo); depois, porque os gregos eram conhecidos pela sua curiosidade e investigação racional, ou seja, quando se tratava de conhecer a natureza, eram movidos pela dúvida, enquanto o cristianismo era baseado na fé.



A separação entre fé e razão foi a questão da Teoria do Conhecimento que prevaleceu no período medieval e se tornou a mais conhecida.

Vale lembrar que questão semelhante ocorreu no início da filosofia na Grécia Antiga: o poder explicativo do mito sobre a natureza teve sua força atenuada enquanto se desenvolveu a adoção de explicações oriundas da Filosofia. No período medieval, porém, prevaleceu a **perspectiva religiosa**. Dois dos principais pensadores cristãos foram **Santo Agostinho** e **São Tomás de Aquino**, ambos se basearam na filosofia grega para **fundamentar as verdades da fé**. O primeiro baseou-se no pensamento de Platão e o segundo no pensamento de Aristóteles.



Para saber mais sobre o pensamento na Idade Média, consulte as seguintes referências:

- JEAUNEAU, Edouard. **A filosofia medieval**. Portugal: Edições 70, 1963.
  - VERGER, Jacques. **As universidades na idade média**. São Paulo: Unesp, 1990.
  - ANDERY, Maria Amália. *et al.* **Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1998.
- 



## Síntese

Nesta unidade, você estudou algumas questões básicas da Teoria do Conhecimento que percorreram os primeiros períodos da Filosofia no Ocidente.

Estudou a descoberta da racionalidade e, neste sentido, identificou os pré-socráticos como os primeiros filósofos, que procuraram desenvolver uma explicação racional sobre a realidade, considerando o universo em si mesmo, enquanto um cosmo ordenado, independente das então vigentes explicações mitológicas.

Ligada à descoberta da racionalidade, você estudou a (i) mobilidade do universo e a tradição crítica da filosofia pré-socrática. Parmênides e Heráclito admitem que é possível conhecer, mas ambos ofereceram respostas distintas sobre a (i) mobilidade do universo, de modo que o primeiro privilegiou a impossibilidade de mudança e criticou as opiniões e os nossos sentidos; enquanto o segundo defendeu a mudança contínua de todas as coisas assim como elogiava o uso da razão.

Sócrates buscava por conceitos universais, que fundamentassem o conhecimento. Segundo Sócrates, portanto, não interessam as opiniões que as pessoas têm a respeito das coisas particulares e que estão baseadas na experiência concreta, mas as idéias universais que são capazes de sintetizar a universalidade do mundo concreto, de modo a evitar a opinião e a alcançar o conhecimento verdadeiro sobre a realidade.

Platão e Aristóteles representam dois pólos originários da discussão da Teoria do Conhecimento no pensamento ocidental: Platão valorizava a perspectiva ideal como única via possível para o conhecimento verdadeiro, representativa da exigência da transcendência do mundo sensível e da aspiração de um mundo puro de realidade ideal e racional.

Aristóteles defendia a perspectiva do concreto, da valorização do sensível, porque no mundo sensível e na sua história o homem pode experimentar os dados que lhe servem de guia para desenvolver seu conhecimento, sistematizados pela lógica.

A questão que faz divergir os pensamentos de Platão e de Aristóteles continua a ser discutida pela Filosofia, mesmo depois de sua morte e, mesmo, depois do declínio das cidades gregas e sua cultura, afinal, são questões clássicas, retomadas continuamente até os dias atuais, como veremos na próxima unidade.

Muitas outras questões poderiam ter sido abordadas, também outros filósofos poderiam ter sido estudados. Porém, a palavra escrita, mais do que a palavra falada, exige delimitações. Esperamos que as escolhas que fizemos neste texto tenham servido de base para você ter um conhecimento inicial sobre o tema, e que este conhecimento, por sua vez, seja suficiente para que busque, com seus próprios meios, mais informações sobre as questões estudadas aqui.



## Atividades de auto-avaliação

- 1) Identifique a divergência entre o pensamento de Parmênides e de Heráclito que deu origem a uma das principais questões da Teoria do Conhecimento.

---

---

---

---

---

- 2) Caracterize, em poucas linhas, a questão do conhecimento de acordo com os três principais filósofos gregos clássicos, considerando uma linha de continuidade entre o pensamento destes filósofos.

---

---

---

---

---

- 3) Assista ao filme “O Nome da Rosa” e destaque aspectos da polêmica entre a fé e a razão que dominou a Idade Média.

---

---

---

---

---



## Saiba mais

Você pode saber mais sobre o assunto estudado nesta unidade consultando as seguintes referências:

- ANDERY, Maria Amália. *et al.* **Para compreender a ciência:** uma perspectiva histórica. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1998.
- BORNHEIM, Gerd (org.). **Os filósofos pré-socráticos.** São Paulo: Cultrix, 1977.
- FÉLIX, Loiva O.; GOETTEMS, Miriam B. (Orgs.) **Cultura grega clássica.** Porto Alegre: UFRGS, 1989.
- JEAUNEAU, Edouard. **A filosofia medieval.** Lisboa: Edições 70, 1963.
- ROBERT, Fernand. **A literatura grega.** [Universidade hoje], São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- VALVERDE, José María. **História do pensamento:** filosofia, ciência, religião, política. Vol. I, nº 6, São Paulo: Nova Cultural, 1987a.
- \_\_\_\_\_. **História do pensamento:** filosofia, ciência, religião, política. Vol. I, nº 7, São Paulo: Nova Cultural, 1987b.
- VERGER, Jacques. **As universidades na idade média.** São Paulo: Unesp, 1990.
- VERNANT, Jean-Peirre. **As origens do pensamento grego.** São Paulo: DIFEL, 1984.

